

AS RELAÇÕES DE COMENTÁRIO E AVALIAÇÃO: FAZER-SABER E FAZER-CRER

Juliana Alles de Camargo de Souza (UNISINOS)

Introdução

Este trabalho focaliza um recorte dos estudos de grupo nos projetos ORTO (Organização Retórica do Texto de Opinião) e ORTDC (Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica), desenvolvidos na UNISINOS, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Maria Eduarda Giering. Neste último e mais recente projeto, examinaram-se as estratégias da elaboração do artigo de divulgação científica para adultos (artigo DC) no *corpus* integrado por textos selecionados das publicações *on-line* nos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Globo, Ciência Hoje, e nas revistas FAPESP, Ciência Hoje e *Scientific American* (SciAm), mediante o aporte teórico fundamental proposto por Bernárdez (1995).

A investigação assume a noção de texto como estratégia (BERNÁRDEZ, 1995) que, com a RST (*Rhetorical Structure Theory*) (MANN e THOMPSON, 1992), concebe o texto como uma organização configurada a partir de opções entre três vias de continuidade (Apresentativa, Hipotática e Paratática), etiquetadas com relações da RST. Esta teoria oferece um modelo cognitivo de análise que focaliza as opções de continuidade as quais permitem ao produtor escolhas para a composição estratégica de seu texto. A perspectiva adotada prevê segmentos macroestruturais de texto organizados em relações núcleo-satélite (N-S) que, na hipótese já validada mediante a investigação feita pelo projeto, podem ser prototípicas, dependendo do gênero textual, do macroato do texto, do fim discursivo, dentre outras possíveis variáveis. As relações inscritas na legenda de estudo incluem: Antítese, Capacitação, Concessão, Evidência, Fundo, Justificativa, Motivação, Preparação, Reformulação, Resumo, na via Apresentativa, que visa a assegurar a compreensão, aceitação ou orientação do leitor do texto; Alternativa, Avaliação, Causalidade, Circunstância, Comentário, Condição, Elaboração, Interpretação, Método, Propósito, Solução, na via Hipotática, que realiza enlances semânticos de partes textuais e conduz a reelaborações e ampliações de conteúdo; Contraste, Lista, Reformulação Multinuclear, Sequência, União, na via Paratática, que envolve ligações semânticas de partes de texto, sem desenvolver informações novas ou conteúdos anteriores.

Enquanto na análise dos artigos de opinião autoral havia, entre as opções predominantes, o uso da relação de Avaliação, na análise de artigos de divulgação científica (DC), encontra-se significativo uso da relação de Comentário. Esta unidade informativa aparece como a terceira escolha predominante P (produtor) frente à tarefa de informar o leitor (L) sobre as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento humano, o que ocorre com a unidade de Avaliação, muito frequente nos artigos de opinião autoral, do projeto ORTO.

É nessa direção que se determinam os objetivos da análise aqui apresentada, visto que as escolhas de continuidade do texto parecem revelar regularidades e características dos gêneros textuais em questão, à luz do aporte teórico postulado. Por essa razão, as interrogações essenciais cujas respostas se buscam são: i) como o uso das unidades relacionais de Avaliação e de Comentário funcionam orientadas para o fim discursivo de cada um dos conjuntos de textos estudados? ii) É possível afirmar que a escolha de determinadas unidades informativas refletem, entre outros fatores, uma configuração prototípica desses dois gêneros de textos?

1 Os gêneros artigo de opinião autoral e artigo de divulgação científica (DC).

O caráter de disseminação do conhecimento constitui a função do artigo de divulgação científica, ressalte-se, aqui, o de feição midiática, pois este é o gênero que integra a ação de alfabetização científica, sempre urgente e necessária nas sociedades que têm a pretensão do desenvolvimento da cidadania, por intermédio da interação entre a sociedade e a ciência.

Nessa orientação, considera-se que as épocas da história humana e que “cada momento histórico-cultural privilegia algumas formas expressivas” (BRANDÃO, 1999, p. 43). Assim, a emergência desse texto midiático, cujo fim maior é divulgar pesquisas realizadas nas diversas áreas científicas, contribui substancialmente para a disseminação da ciência na vida cotidiana da contemporaneidade.

Identifica-se, portanto, a ciência e a tecnologia no âmbito das construções da humanidade (LOPES e DULAC, 1999, p. 40) e atreladas ao cotidiano das pessoas. Há, por conseguinte, necessidade de formar leitores capazes de compreender a linguagem da ciência e de estabelecer, por meio desta, uma relação entre

as práticas cotidianas (desde o uso de um dado medicamento, da conservação de ecossistemas, até o conhecimento de espécies vegetais ou animais e seus comportamentos, que vivem numa dada região, por exemplo), mediante o fazer-saber, fundamentalmente. O produtor do texto de DC, portanto, realiza sua tarefa e “por força da performatividade do texto, o efeito-leitor se apresenta como quem é chamado a participar diretamente do evento, de modo a ter um acesso mais direto à exposição desse saber” (PAYER, 2003, p. 66). Há um intermediário que é o responsável por trazer, numa outra situação de comunicação diferente da que existe entre os pares de cientistas, a informação científica a um leitor leigo interessado (PAYER, 2003).

Enquanto isso, o artigo de opinião autoral se revela como um texto de caráter argumentativo por excelência e cumpre o fim fundamental de fazer-criar, posto que apresenta um ponto de vista sobre uma dada realidade. Nesse campo retórico, Perelman (2004, p. 11) define o argumento pragmático que é “um argumento das consequências que avalia um ato, um acontecimento, uma regra ou qualquer outra coisa, consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis [...]”. Decorre disso que “[...] o pensamento, nesse caso, não se inclina simplesmente diante de seu objeto: adapta as regras aceitas a uma situação nova graças a uma ação que discrimina, aprecia, julga e decide” (PERELMAN, 2004, p. 27).

Desses esclarecimentos, já se pode constatar que os artigos de um e de outro projeto (ORTDC e ORTO), ambos presentes na mídia, possuem, básica e geralmente, fins discursivos diferentes, que emergem de seus quadros de inscrição originais, na esfera midiática de atividade humana.

Os gêneros textuais possuem marcas de especificidades de suas esferas sociais já que – originados na *práxis* humana – os textos revelam as condições específicas da constituição do seu conteúdo temático. Os textos, portanto, são objetos que têm uma determinada função, em dadas condições, singulares numa dada esfera de comunicação. Na esfera midiática, o artigo de opinião autoral (lido com o olhar de quem procura uma opinião explícita sobre algo) e o artigo de divulgação científica (lido com olhos de quem procura saber detalhes sobre descobertas ou sobre fatos do mundo da ciência) adquirem uma configuração de texto própria, fato que a metodologia empregada na análise textual dos projetos ORTO e ORTDC evidenciou.

As táticas e estratégias exploradas pelo produtor do texto de divulgação científica são usadas, geralmente, com o intuito de tornar o texto mais efetivo. As estratégias não são discriminativas e, por isso, estão associadas a convenções que regem um gênero com o propósito de tornar um texto mais eficaz e eficiente em um contexto sociocultural muito específico, considerando, nessa ordem, um receptor muito especial (PINHEIRO, 2002, p. 281-2).

Enquanto o cientista, ao apresentar sua pesquisa em meio a seus pares, realiza uma ação estruturada sob uma forma concebida inicialmente numa sequência que deve contemplar justificativas, objetivos, descrição de metodologia, resultados e ou conclusões, o produtor da divulgação científica, no centro de um gênero midiático, terá de incorporar – sim – detalhes da fonte (discurso da ciência), entretanto, mesclados com os elementos do discurso jornalístico, conforme indica Leibrunder (1999, p. 230). É por esse motivo que, na adaptação do texto ao leitor de textos de divulgação científica, ocorrem diferentes opções linguístico-discursivas, na busca de aproximar o leitor do que está escrito e sendo divulgado, repercutindo, por conseguinte, em toda a configuração estratégica textual. Nesse interdiscurso, o caráter metalinguístico se apresenta e, sob o crivo da análise das recorrências das escolhas das vias e relações que se realizou no ORTDC, o uso da unidade informativa do Comentário tem um papel relevante, que merece ser analisado.

2 Recursos de organização estratégica do texto: a relação de Comentário frente à de Avaliação.

Inicialmente, é necessária a definição das vias e das relações, visto que interessa à prática adotada pelo projeto de pesquisa ORTDC a noção de que as estruturas das relações no texto refletem as opções de organização e de apresentação do produtor. Subjaz aqui o pressuposto de que o texto é uma organização estrutural e de que é possível descrever que tipos de partes e compõem e os princípios de organização dessas partes no texto como um todo (GIERING, 2005).

As vias, apontadas por Bernárdez, são a Apresentativa (sequência elaborada com o fim de proporcionar ao leitor informação que assegure tanto a compreensão quanto a aceitação do que o produtor informa); a Hipotática (sequência que envolve enlaces semânticos de partes do texto, marcando-se uma informação nuclear – N – e outra secundária – S) e a via Paratática (sequência também relativa a enlaces semânticos, na qual se marcam duas informações nucleares (N1 e N2), ou seja, a via das informações similares em termos de importância, conforme o fim discursivo do produtor). As relações são a forma como se concretizam as vias, ou seja, no caso do projeto em foco, segmentos macroestruturais e sequências contíguas de texto reduzíveis a macroproposições que o configuram mediante o fim de divulgar a pesquisa científica.

A seguir, transcreve-se a tabela com a listagem de relações, utilizada para a análise dos textos. Enfatiza-se que os nomes de relações em negrito foram acrescentados à tabela por ocasião do projeto ORTDC, em vista de novos estudos sobre as relações retóricas e da constatação de que a listagem utilizada no projeto ORTO

não apresentava relações que expressassem o que de fato os segmentos estruturais em foco naquele projeto indicavam.

TABELA 1: Vias de continuidade e relações.

Via Apresentativa	Via Hipotática	Via Paratática
<ul style="list-style-type: none"> • Antítese • Capacitação • Concessão • Evidência • Fundo • Justificativa • Motivação • Preparação • Reformulação • Resumo 	<ul style="list-style-type: none"> • Alternativa • Avaliação • Causalidade • Circunstância • Comentário • Condição • Elaboração • Interpretação • Método • Propósito • Solução 	<ul style="list-style-type: none"> • Contraste • Lista • Reformulação Multinuclear • Seqüência • União

Fonte: Adaptação de Mann e Thompson (1999) e Carlson e Marcu (2001).

A legenda de trabalho, portanto, foi acrescida de novas relações retóricas estudadas por Carlson e Marcu (2001). A necessidade de refinamento e especificação de novas relações como instrumento da análise ocorreu em vista de as investigações exigirem alternativas mais específicas que descrevessem com maior precisão os segmentos informativos que se elaboram na produção do artigo DC. Assim, durante a leitura e a análise do texto de divulgação científica, os dados apontaram para o reconhecimento de unidades informacionais que não eram contempladas suficientemente pela legenda utilizada na análise do artigo de opinião autoral, focalizado em projeto já concluído, o ORTO.

Diante dessa ação, entre as relações integrantes da nova legenda, encontra-se a unidade informativa do Comentário, reconhecida, entre os 120 (cento e vinte) textos analisados, em 80 (oitenta) artigos de divulgação científica midiática para adultos. Esta quantificação se comprova com o Gráfico 1, a seguir:

GRÁFICO 1 – Resultados quantitativos ORTDC.



Fonte: ORTDC, nov. 2007.

Observe-se que, depois do uso quase que geral da relação de Elaboração (cuja função é apresentar, nesse gênero focalizado, o relato de objetivos, metodologia, resultados, entre outros detalhes sobre a pesquisa trazida ao leitor) e da relação de Resumo (que tem a função de sumarizar, normalmente no início do texto, o que vai ser informado no artigo publicado, a relação de Comentário é numericamente significativa. Esta unidade informativa, inserida no quadro de opções de continuidade a partir do estudo do trabalho de Carlson e Marcu (2001), caracteriza-se por ser constituída de um satélite contendo uma nota subjetiva sobre um segmento anterior de texto. Seu caráter subjetivo reside no fato de P efetuar uma escolha que levanta, no artigo DC, uma perspectiva nova, ainda não explicitada em N. O que ocorre como efeito dessa relação, e que acontece em N e S, é que o leitor (L) reconhece a nota ou observação apresentada como um comentário subjetivo, de caráter novo, ainda não expresso em N.

Ainda é pertinente que se registre a unidade informacional do Comentário como um segmento textual não relacionado diretamente ao comentário crítico ou artigo de opinião, este, um texto cuja função primeira é apresentar uma opinião de um jornalista sobre um determinado fato, tema ou procedimento. Assim, o Comentário de que aqui se trata é um segmento informativo, uma parte estrutural com função específica de trazer uma percepção/constatação nova ainda não expressa em N, sem qualquer teor de julgamento ou crítica. Tal qualidade pertence à relação de Avaliação.

Frente ao Comentário, a unidade informativa de Avaliação, que ocorreu com frequência no *corpus* de artigos de opinião autoral do Projeto ORTO, é uma relação em que o núcleo (N) é uma situação, e o satélite (S) é um registro avaliativo, de julgamento, com uma postura atitudinal sobre a situação. O satélite refere-se a N e expressa um grau de atitude numa escala de bom a ruim. A Avaliação pode ser um ponto de vista do produtor ou de outro agente textual e, segundo dizem Carlson e Marcu (2001, p. 57): “Uma avaliação pode ser uma estimativa, uma avaliação referente a valor, uma interpretação ou avaliação interpretativo-valorativa da situação”. Insiste-se no caráter valorativo que se destaca na definição desse segmento informacional¹.

O dado inicial de que o Comentário tenha sido uma unidade informacional de emprego massivo nos 120 textos analisados do projeto que estuda os artigos de divulgação científica é, a seguir, estudado, por meio de um exemplo textual. Após, procede-se ao mesmo processo de estudo sobre a presença da unidade informativa de Avaliação, já que ela é constante e recorrente no artigo de opinião autoral, conforme já apontaram os resultados publicados do projeto ORTO. Pretende-se, com esses procedimentos, alinhar algumas conclusões parciais que confirmam a organização retórica de um dado texto, com um determinado fim discursivo, sempre articulada com uma estratégia que singulariza o gênero textual num contexto de certa prototipicidade.

3 As relações de Comentário e de Avaliação – em (con)texto:

(1) Araucária resiste à fragmentação de floresta, revela análise de DNA.

(2) Como ecossistema, a situação da mata de araucárias da região Sul do Brasil é indiscutivelmente calamitosa. (3) Mas um estudo feito por uma pesquisadora brasileira na Universidade de Reading (Reino Unido) sugere que a árvore-símbolo da mata consegue manter parte de sua diversidade genética mesmo quando é isolada em bolsões de poucos indivíduos.

(4) A agrônoma paranaense Juliana Bittencourt, 31, estudou o DNA das sementes de araucária (*Araucária angustifolia*) em três situações. (5) Na primeira, as árvores faziam parte de um grande fragmento de mata, com cerca de 4.000 hectares, numa reserva indígena. (6) Na segunda, estavam em pequenos fragmentos, de poucas dezenas de hectares. (7) E, na ponta mais modesta do espectro, plantas que estavam em “ilhas” de quatro ou cinco indivíduos, ou mesmo de uma árvore só.

(8) Aliás, o que o estudo parece ter demonstrado é que esse isolamento completo pode ser ilusório. (9) Por meio dos chamados microssatélites, regiões repetitivas das “letras” químicas do DNA que variam de forma clara de um indivíduo para outro, Bittencourt pôde realizar uma bateria de “testes de paternidade” para as sementes. (10) E descobriu que, em 75% dos casos, as árvores isoladas estavam “tendo filhos” com plantas a quilômetros de distância.

¹ Ressalta-se que não existe o gráfico de quantificação de uso desta relação, em vista de, na época, ter sido feita uma lista dos 150 (cento e cinquenta) textos, com as sequências de relações que apresentavam, material que, nos limites deste artigo, não tem espaço suficiente para ser anexado. Desta lista, pode-se indicar que, dos 150 artigos de opinião autorais estudados, 92 utilizam a relação de Avaliação.

(11) Isso é possível porque o pólen das araucárias viaja pelo vento. (12) “Embora elas não estejam ligadas fisicamente, existe uma conectividade funcional entre elas”, disse a pesquisadora à Folha. (13) Ela chegou a flagrar casos em que o pólen cruzou cinco quilômetros.

(14) O achado é importante porque o grande temor em relação às espécies que habitam uma paisagem retalhada é a perda de diversidade genética, já que só seriam capazes de se reproduzir dentro de um espaço exíguo, com parentes próximos. (15) As araucárias, por enquanto, parecem estar escapando desse destino. (RJL) (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006)

Inicialmente, o segmento (1) apresenta teor resumitivo, e constitui a unidade informativa nuclear (N) do satélite (S), que inicia em (2) e segue até (15). A ação de resumir reconhecida neste título reduz informação e tem o efeito apresentativo do que vai ser lido na totalidade do texto.

Observando o seguimento da organização do texto, é verossímil afirmar que, entre (2) e (3), localiza-se uma nova unidade nuclear, que indica a situação calamitosa, como ecossistema, das matas de araucária da Região Sul do Brasil. No entanto, conforme o estudo realizado por uma brasileira no Reino Unido, há indícios de que essa árvore-símbolo da mata consegue manter parte de sua diversidade genética, apesar de isolada em bolsões de poucos indivíduos. A essa nuclearidade (N), P acrescenta, de (4) a (13), a descrição da metodologia que a pesquisadora empregou, a demonstração de que o isolamento pode ser ilusório, o que foi detectado pelos “testes de paternidade” para as sementes, os quais comprovaram, em 75% dos casos, que essas árvores estavam “tendo filhos” com plantas a quilômetros de distância. O produtor (P) finaliza a exposição da metodologia e dos resultados obtidos, ao citar que essa possibilidade reside no fato de que o pólen das araucárias viaja pelo vento, denotando uma “conectividade funcional”. Toda essa unidade informativa é uma Elaboração, visto que, à informação básica de (2) e (3), são adicionadas informações que detalham a situação, o método e os resultados do estudo. Em outras palavras, o leitor do artigo pode perceber em S – de (4) a (13) – detalhes adicionais providenciados por P para que L possa entender N.

No segmento que se constrói com (14) e (15), é reconhecida uma unidade relacional de Comentário, pois se constitui um Satélite de tudo que foi organizado textualmente de (2) a (13), à medida que é uma observação nova, articulada aos segmentos anteriores, que formam o núcleo. Assim, quando P comenta a importância do achado entre os pesquisadores e também para todos que habitam regiões ameaçadas em seus ecossistemas, faz uso dessa opção de continuidade e estabelece o fechamento que marca a relevância da pesquisa de Juliana Bittencourt. O produtor conclui o artigo – cujo fim discursivo é divulgar (fazer-saber) a importância da pesquisa que revela que as araucárias conseguem manter parte de sua diversidade genética, mesmo estando isoladas em bolsões de poucos indivíduos – com a frase (15), que é um típico comentário. Isso se deve ao fato de que este comentário não apresenta sentido valorativo e interpretativo, mas, de fato, é um produto da observação, por P, do que a pesquisa comprova: “As araucárias, por enquanto, parecem estar escapando desse destino” (15). O caráter constativo dessa observação corrobora com a definição da relação de Comentário, inscrita na seção 2 deste texto.

A seguir, o segundo texto é transcrito, como exemplo de artigo de opinião autoral, a fim de demonstrar a presença e a função do segmento informativo de Avaliação, no quadro comparativo que aqui se concretiza e se examina.

A perda da noção de limite

(1) Estou certo de que o leitor concordará com o enunciado: não é condição de “normalidade” de uma ação humana o fato de ela estar sendo praticada por muitos, pela maioria ou por todos. (2) A normalidade de uma ação está condicionada à sua adequação a uma norma. (3) Todos podem estar desrespeitando sinais de trânsito e nem por isso as infrações se tornam “normais”. (4) “Comum” e “frequente” não são sinônimos de “normal”.

(5) O fato de ser muito difícil aos jovens não reproduzir a conduta do grupo em que está inserido (numa estranha conformidade rebelde ou numa rebeldia conformada), associado ao fato de muitos adultos reproduzirem os modos juvenis (numa ridícula cirurgia plástica do modo de agir), multiplicou, nas últimas décadas, os problemas de comportamento e suas consequências sociais. (6) “É proibido proibir!” se constitui na expressão síntese de um critério segundo o qual toda tentativa de estabelecer limites é vista como repressiva. (7) Nada é abusivo exceto a restrição aos abusos. (8) Apenas as empresas e as instituições militares parecem restar como locais onde a autoridade ainda se permite estabelecer limites com razoável possibilidade de ser atendida.

(9) As consequências dessa gandaia podem ser contempladas no âmbito familiar, nas escolas, nos locais de lazer, nos parlamentos, nas ruas e na criminalidade. (10) Um exemplo disso foi dado durante o 3.º FSM, na ocasião em que a autoridade policial presente ao enfumaçado acampamento da juventude impediu uma mocinha de se banhar despida nos chuveiros instalados ao ar livre. (11) Os vários protestos culminaram com um desfile de pelados no qual os novos esquerdistas exibiram seus escassos argumentos. (12) Outro exemplo se expressa nas tentativas de desqualificar a política de segurança pública do novo governo estadual com o intuito de preservar critérios que entregaram o controle da situação aos bandidos. **(13) Segundo essa política frouxa: a) o cidadão bandido que causou a morte cerebral de um jovem à força de coronhadas é credor de toda cortesia do cidadão policial e b) ao crime tudo se permite e à lei tudo é proibido.** **(14) Responda para si mesmo: em que posição do arco ideológico se situa quem pensa assim? (15) Ah, pois é** (PUGGINA, 2002, p. 4).

O artigo de opinião autoral de Puggina (2002), um dos 150 focalizados pela pesquisa do ORTO, apresenta as seguintes unidades informacionais. De (1) a (5), há uma Preparação, que visa a situar L na leitura a ser realizada. É indicada situação comum de que é muito difícil aos jovens não reproduzirem a conduta do grupo em que se inserem, associada ao fato de muitos adultos apresentarem modos juvenis, multiplicando-se, assim, nas últimas décadas, problemas de comportamento e suas consequências sociais.

Na sequência do texto, de (6) a (8), há o elemento nuclear do artigo de opinião, o qual indica que toda a atitude que busca estabelecer limites é vista como repressiva. É escrito que nada é abusivo, ideia que aparece, em síntese, na frase “É proibido proibir!...” (6).

Já de (9) a (12), P apresenta as provas de sua afirmação, ou seja, há um segmento satélite de Evidência, no qual exemplos de abusos são enumerados, demonstrando que a opinião expressa por P tem fundamentos sólidos. A ação de evidenciar tem caráter demonstrativo. Assim, a “gandaia” (9) contemplada nos ambientes familiares, escolares, de lazer e das ruas, e a desqualificação da política de segurança pública são exemplos/provas incontestáveis de que a opinião expressa é válida.

Em (13) a (15), P caracteriza a política como “frouxa” (13) e a relaciona à “cortesia” (13) do cidadão policial dispensada ao assassino de um jovem. Remete a essa atitude frouxa o fato de que ao crime tudo se permite. Finalmente, num ato de fala questionador direto, pois faz uma pergunta diretamente a L, P interroga sobre em que posição do arco ideológico se encontra quem pensa assim. A pergunta retórica, visando ao assentimento mais do que a uma resposta, tem uma observação de concordância do próprio produtor cuja voz é presente e crítica ao extremo: “Ah, pois é.” (15).

Diante de uma situação (N), P realiza uma observação avaliativa (S). Em outras palavras, na unidade informativa de Avaliação, N é uma situação e S a ela se refere, expressando grau de atitude, juízo de valor. O efeito desse segmento avaliativo e o de que o leitor (L) poderá reconhecer a situação apresentada em S; há, por conseguinte, uma avaliação da situação em N, o que possibilita a L o reconhecimento do valor atribuído.

Conclusão.

Em primeiro lugar, é relevante estabelecer que, enquanto no gênero artigo de opinião autoral o segmento informativo de Avaliação indica um posicionamento de valor, expressa uma atitude de P diante de uma situação ou afirmação, no artigo de divulgação científica midiático, o Comentário desempenha função estreitamente ligada à origem e aos fins, na esfera da mídia, no âmbito do expor, do divulgar, de caráter constativo, que independe do posicionamento atitudinal de P. Assim, o artigo de opinião autoral se ocupa da crítica e assesta sua ação argumentativa com vistas ao fazer-criar, devendo arregimentar essencialmente unidades informativas que se orientem à construção de juízos de valor, ao passo que o artigo DC ocupa-se com fabricar uma exposição de estudos ou pesquisas realizadas, dirigidas ao fazer-saber. Nessa perspectiva, lembra-se o que diz Van Dijk (1996):

La tesis clave de este capítulo es que la producción de noticias debe analizarse principalmente em términos del procesamiento del texto. (...) La expresión también implica que la maior parte de la información *utilizada* para escribir un texto ingresa em forma discursiva: los reportages, las declaraciones, las entrevistas, las reuniones, las conferencias de prensa, otros mensajes de los medios (...) Em realidad, ya hemos observado que los periodistas rara vez observan directamente los acontecimientos. Los acontecimientos, por lo general, llegan a conocerse a través de los discursos ya codificados e interpretados de otros, y de manera mas relevante a través de los despachos de las agencias informativas. (...) Este

procesamiento de una gran cantidad de texto y habla em forma de *input* es lo que yace en el centro de la producción del discurso periodístico (VAN DIJK, 1996, p. 141-2).

Em palavras mais simples, ao considerar-se que a matéria-prima que é usada na composição do artigo divulgação científica são as informações que vêm de outros produtores, no caso, de pesquisas, podemos, de imediato, identificar o objetivo informativo que permeia o gênero. Assim, todos os recursos de que lançar mão o produtor do artigo DC consistem na permanente busca de informação a ser dirigida ao público que se interessa por temas científicos. A essa perspectiva informativa, alia-se o caráter midiático, o que implica a necessidade de acrescer à elaboração textual determinadas instruções discursivas (CHARAUDEAU, 2006) tais como a narração e a dramatização. Nesse viés, o Comentário traz ao texto uma nota subjetiva, muitas vezes, caracterizada, segundo indicam os textos já analisados, pela presença da fala de outros pesquisadores sobre o tema focalizado num artigo DC. Tal relação também pode indicar prognósticos sobre os rumos que a pesquisa relatada pode tomar, o que torna o uso dessa unidade informativa um recurso ajustado ao objetivo de cativar o leitor da revista ou do jornal em que o artigo é publicado.

Para serem estabelecidas as diferenças necessárias, retomam-se as características enumeradas no estudo das relações de Avaliação (MANN, 1999) e Comentário (CARLSON e MARCU, 2001). Na Avaliação, o viés valorativo que S atribui a uma situação em N constitui a essência do segmento informativo. Já no Comentário, essa visão de juízo de valor em escala de bom a ruim não ocorre, pois apenas se apresenta uma perspectiva nova, constativa, do que se apresentou em N. No texto DC apresentado neste artigo, a pesquisa divulgada foi comentada, no sentido em que P apresenta uma constatação a mais, vinculada ao tema nuclear. No texto das araucárias, P retoma a pesquisa feita por Juliana B. e ressalta que os resultados de fato apontam para a provável salvação das araucárias do destino de perda da diversidade genética. Esse comentário é uma observação que nasce em uma constatação de P, numa perspectiva ainda não explicitada em N.

Retomando a concepção de retórica que se postula (MANN e THOMPSON, 1992), as escolhas feitas pelos articulistas do artigo de opinião autoral e do artigo de divulgação científica, respectivamente, refletem estratégias ligadas aos fins que cada texto objetiva.

Ao reiterar que o texto é uma organização ou sistema estrutural em que é possível descrever as partes e os princípios de organização desses elementos no todo, são relevantes os resultados e as conclusões do trabalho do ORTDC.

Por isso, a escolha das formas de continuidade textual de um dado texto pode ser marca muito característica deste. Por essa razão, ao utilizar a Avaliação, o produtor do artigo de opinião autoral concentra-se no macroato de **opinar**, ou seja, sua escolha – assim como a da Evidência que, em segmento anterior, funda demonstrativamente sua crença e seu juízo valorativo – tem estreita relação com a ação fazer-criar. Apresentar a crítica determina o conjunto de opções de continuidade estrategicamente alinhadas a esse fazer-criar.

No outro gênero e seu quadro de origem, ao compor o artigo DC, o produtor organiza sua estratégia na direção do fazer-saber. A observação e análise dos artigos DC focalizados no trabalho do projeto mostram a unidade informacional de Comentário expressa textualmente como: i) as referências a pesquisas anteriores; ii) uma ilustração nova de um fato mostrado no texto; iii) o registro de local de publicação da pesquisa ou iv) as indicações da relevância desta. Comparadas as duas funções dos segmentos de Avaliação e de Comentário, pode-se perceber uma clara diferença, já que estão associadas ao fim discursivo de cada gênero de texto.

Quando Bernárdez (1995, p. 158) alerta que a construção de um texto pode estar, de certa forma, automatizada e que essa estruturação pode contemplar probabilidades prototípicas, reafirma-se a visão de texto como ação. Por isso, de um lado, na perspectiva da ação de fazer-criar, serve a P o segmento informacional de Avaliação, com sua carga expressiva de julgamento, de atitude perante o fato apresentado. De outro, a visão do texto orientado acionalmente ao fazer-saber uma pesquisa e a sua importância não é formulada por meio de opinião e julgamento de P, mas é informada com base na relevância do trabalho divulgado, mediante a preocupação corrente em relação ao ecossistema das matas de araucárias do Sul, como no artigo DC analisado.

Nesse texto ilustrativo, o segmento relacional de Comentário a respeito da descoberta sobre as araucárias cumpre o papel informativo da divulgação. O artigo de divulgação da pesquisa é escrito de forma a também informar, além do estudo propriamente dito, a relevância da pesquisa para o leitor do artigo DC. Esse leitor não discute a verdade do que é apresentado, ao contrário do leitor do artigo de opinião, que pode concordar ou não com a crítica expressa e até se posicionar argumentativamente contra esta. Também não se verifica o caso de um cientista de uma determinada área que, ao ler um artigo científico elaborado por um par sobre um tema, pode contrapor-se à demonstração-argumentação, fato peculiar à ação comunicativa propriamente científica.

Finalmente, é possível asseverar que, examinados os resultados do projeto ORTDC em comparação com os verificados no projeto ORTO, a unidade informativa relacional é parte de um quadro de prototipicidade de um dado gênero. Essa hipótese de estudo é consolidada tanto pelo uso do segmento satélite de Avaliação, no artigo de opinião autoral, quanto pelo emprego do satélite de Comentário, no artigo DC. O primeiro serve ao fazer-criar – em que “a opinião não deve ser confundida com o conhecimento [...] este é independente do sujeito que sabe; a opinião, ao contrário, revela o ponto de vista do sujeito a respeito de um saber” (CHARAUDEAU, 2006, p. 122); e o segundo, ao fazer-saber – em que “o informador se faz uma testemunha, na medida em que sua fala não tem outro objetivo a não ser de dizer o que viu e ouviu” (CHARAUDEAU, 2006, p. 53), fins que direcionam as escolhas do produtor ao construir, elaborar e configurar seu texto.

Referências bibliográficas

FOLHA DE SÃO PAULO. *Araucária resiste à fragmentação de floresta, revela análise de DNA*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe2703200602.htm>>. Acesso em: 03 maio 2006.

BERNÁRDEZ, Enrique. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.

CARLSON, Lynn; MARCU, Daniel. *Discourse tagging reference manual*. Disponível em: <nfs/isd/marcu/tagging-ref-manual2.mif>. Acesso em: 11 set. 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

GIERING, Maria Eduarda. *Organização retórica de textos de divulgação científica (ORTODC)*. 2005. São Leopoldo: UNISINOS. Projeto de Pesquisa.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 1999, p. 229-53.

LOPES, César V. Machado; DULAC, Elaine B. Ferreira. Idéias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso? In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira. *et al.* (Orgs.). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999, p. 35-42.

MANN, William C.; THOMPSON, Sandra A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. Text 8 (3). 1988.

_____. Rhetorical structure theory and text analysis. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. USA: John Benjamins Publishing Company Amsterdam/Philadelphia, p. 39-78, 1992.

MANN, William C. *Introducción a la Teoría de la Estructura Retórica (Rhetorical Structure Theory: RST)*. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/08spanish/introduccion.html>>. Acesso em: set. 2000.

MANN, William. *Introducción a la teoría de la estructura retórica (Rhetorical Structure Theory:RST)* [1999]. Disponível em: <<http://www.sil.org/~mannb/rst/spintro.htm>>. Acesso em: 02 abr. 2004.

PAYER, Maria Onice. Mídia regional e nacional na divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação*. Campinas, SP: Pontes, 2003, p. 63-72.

PERELMAN, Chaïm. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PINHEIRO, Najara Ferrari. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 259-90.

PUGGINA, Percival. A perda da noção de limite. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 fev. 2002. p. 4, *on-line*.

VAN DIJK, Teun A. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Barcelona: Paidós, 1996.